

LINGUAGENS NA SALA DE AULA SOB UM OLHAR DECOLONIAL

Lícia Maria de Lima Barbosa¹

Maria Nazaré Mota de Lima²

Resumo: Trata-se de empreender uma reflexão em torno de como vieses contemporâneos das ciências sociais colaboram para a formação do professor e/ou pesquisador da área de línguas na escola básica, a partir de princípios teórico-metodológicos do CEAFRO e focalizando a contribuição da Linguística Aplicada Indisciplinar como campo de estudos de linguagens que se propõe discutir dimensões identitárias que emergem na escola e na sociedade. A experiência desenvolvida no Componente Linguagens na Sala de Aula demonstra que há uma lacuna na formação de professorxs de diversas áreas, no sentido de compreender embates identitários que ocorrem na escola, motivados por preconceitos, discriminações, exclusão do outrx, enfim. Numa perspectiva da crítica cultural é importante fomentar discussões, leituras, metodologias de trabalhos/pesquisas inspirados em abordagens socioantropológicas decoloniais, as chamadas epistemologias do sul, essas admitidas e bem vindas no campo da linguística aplicada indisciplinar. Metodologicamente, além de aprofundamento teórico, propõe-se o mapeamento de experiências educacionais nas temáticas, discussão de relatos de professorxs, estudos de cenas da sala de aula, a fim de apontar demandas, prosseguimento de estudos e pesquisas, ancorados em informações colhidas nas práticas pedagógicas.

Palavras-Chave: Identidades estigmatizadas. Decolonialidade. Linguagens na Escola.

¹ Doutora em Estudos Étnicos e Africanos-Posafro/UFBA. Professora pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Endereço eletrônico: pedrobeninho@yahoo.com.br.

² Doutora em Letras e Linguística pela UFBA, pós-doutorado em Estudos Literários pela UFMG). Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores. Endereço eletrônico: librianar@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo mostrar como vem sendo desenvolvida a experiência de formação do professor e/ou pesquisador da área de línguas na escola básica, através do componente Linguagens na sala de aula, que integra a linha 2 — Letramento, Identidades e Formação de educadores do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica) da Universidade do estado da Bahia (UNEB).

A primeira seção apresenta os fundamentos do trabalho do componente, a partir de três pilares: 1) vieses contemporâneos das Ciências Sociais que auxiliam na formação do professor pesquisador da área de línguas; 2) princípios teórico-metodológicos construídos no campo inter/transdisciplinar que incorpora questões dilemáticas da sociedade, a partir do CEAFFRO, em sua proposta de formação em raça-gênero; 3) Linguística Aplicada Indisciplinar, enquanto campo de estudos que assume narrar a cena social a partir do protagonismo de sujeitos negros, mulheres, surdos, LGBTQIA+, indígenas, cujas vozes são invisibilizadas na escola e na sociedade.

A segunda seção exhibe como o componente Linguagens na sala de aula vem sendo desenvolvido numa perspectiva da crítica cultural, inspirada em abordagens socioantropológicas decoloniais, bem como as advindas do campo da Linguística Aplicada Indisciplinar. Na terceira seção evidenciamos alguns resultados do trabalho desenvolvido.

CIÊNCIAS SOCIAIS — ALGUNS VIESES CONTEMPORÂNEOS

Questões contemporâneas das Ciências Sociais requerem abordagens que não sejam centradas em um único ponto de vista para pensar as relações entre as pessoas. Dentro desse viés, emerge a importância da inter/transdisciplinaridade, a qual permite essas abordagens na pesquisa, ensino, extensão na universidade. Este trabalho convoca uma associação de perspectivas distintas, para dar conta de uma complexidade que é própria da vida contemporânea e que, cada vez mais,

surpreende no modo como vem sendo tratado pela ciência que, muitas vezes, tem sido especializada/especialista com esse tom específico. Entre o específico e o não tão específico, a interdisciplinaridade ajuda a se olhar um objeto ou fenômeno em estudo sob vários ângulos. É nesse sentido que as Ciências Sociais tem sido chamada a colaborar com outras áreas, por conta da sua tradição em tratar, discutir questões que afetam as relações entre as pessoas. As Ciências Sociais possuem ferramentas, arcabouços, abordagens que podem colaborar na tentativa de compreender como as pessoas se relacionam, sobretudo em suas identidades e culturas.

[...] as novas sociologias se constituem como um espaço de problemas e de questões sobre os quais trabalham pesquisadores muito diversos quanto aos seus itinerários intelectuais, aos recursos conceituais usados, aos métodos empregados ou as suas relações com o trabalho empírico (CORCUFF, 2001, *apud* ALVES, 2018).

Pensando nisso, no componente Linguagens na sala de aula, tentamos fazer essa associação entre linguagem, antropologia, sociologia. Mas que sociologia? antropologia? Onde elas permitem compreender questões identitárias e da diversidade cultural. Daí se aprendendo o que é gênero, raça, sexualidades, como essas dimensões têm provocado exclusões, desigualdades, discriminações, preconceitos, fobias, racismos que prejudicam os sujeitos em suas vidas nos grupos a que pertencem, como família, escola, trabalho etc.

Nossa perspectiva é trazer as linguagens como um campo de tensão, um campo de acolhida, de negociação, de crítica e de diálogo. Considerando que tudo é linguagem, corpo é linguagem, o texto é linguagem, uma obra de arte é linguagem, uma dança é linguagem, uma peça musical é linguagem, tudo é linguagem, segundo Charles Sanders Peirce, em suas obras, semiótico, lógico, filósofo e matemático. Para o autor, o ser humano é linguagem, nós somos linguagem. Aqui fazemos referência também a Lazzo Matumbi, cantor e compositor referência na

música afro na Bahia e no Brasil, o qual começa sua carreira no Ilê Aiyê, e compõe, com Jorge Portugal, letrista santamarense, quando diz: “a minha pele de ébano é, minha alma nua... o meu corpo é linguagem, e a leitura toda sua”.

UMA FONTE DE INSPIRAÇÃO: A FORMAÇÃO EM RAÇA-GÊNERO DO CEAFFRO

O componente Linguagens na sala de aula nasce a partir de um grande laboratório que é todo o trabalho do CEAFFRO, um programa de educação para o enfrentamento do racismo e sexismo na sociedade e na escola, desenvolvido durante 25 anos. Uma iniciativa coletiva de mulheres negras na Universidade Federal da Bahia que tem como pressuposto a articulação entre conhecimentos tradicionais, conhecimentos advindos das comunidades negras, periféricas, do campo, indígenas, comunidades populares, LGBTQI+, permitindo um diálogo entre discursos dos movimentos sociais e discursos acadêmicos.

O CEAFFRO, hoje ICEAFFRO, é uma organização do movimento social negro que traz a perspectiva das comunidades negras, as necessidades, suas demandas, por educação. Nos seus 25 anos de atuação têm sido desenvolvidas diversas ações de enfrentamento ao racismo, ao sexismo, dentre as quais a formação de professores/as, através de um projeto chamado Escola Plural: a diversidade está na sala. O Escola Plural se constitui numa formação continuada, visando à educação das relações étnico-raciais e inclusão da história e cultura afro-brasileira e africana no currículo da escola pública. Começamos antes mesmo da promulgação da Lei 10.639/03, por meio de um projeto-piloto lastreado a partir dos PCN's/1998, para implementação do Tema Transversal Pluralidade Cultural no currículo da rede municipal de educação de Salvador/Bahia.

A experiência no CEAFFRO possibilitou construir e exercitar uma perspectiva inter/transdisciplinar, interseccional na produção do conhecimento, bem como criar redes decolonizadoras de conhecimento, sobretudo a partir da aproximação dos movimentos sociais com a

academia. Trazer a experiência do CEAURO significa, do ponto de vista étnico-racial, evidenciar a representatividade das pessoas que estão em comunidades de matriz africana, associações de capoeira, blocos afro, movimento hip hop, a fim de trabalhar com os professores e professoras.

Ao mesmo tempo, com a criação da linha de pesquisa Letramento, Identidades e Formação de Educadores temos um braço desse trabalho que é representado, difundido, divulgado, desenvolvido no interior do Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia por meio da linha 2 do programa onde temos desenvolvido essa experiência através do componente Linguagens na sala de aula.

A formação inicial e continuada e professores se ressentem da inclusão de temas relacionados a raça-gênero, de modo que muitos professores que estão na sala de aula, na educação infantil, ensino fundamental e médio, encontram dificuldades para lidar com as questões de gênero/sexualidades, raça/etnia que eclodem dentro da sala de aula, local onde estão jovens e crianças com suas questões identitárias.

Assim, uma das primeiras atividades proposta no Componente é a solicitação para que os estudantes relatem alguma situação de discriminação que envolva os marcadores de raça, gênero, sexualidades, que tenham vivido em sala de aula junto aos estudantes, e explicitem como reagiram diante da situação. Os relatos que seguem ilustram bem a dificuldade dos professores em lidar com situações de discriminação na sala de aula:

Tudo pronto para mais um início de semestre. Eu como sempre, leciono em todos os cursos da faculdade, por se tratar de uma disciplina nucleada. Ao entrar na sala, saúdo a todos com um bom dia ou boa noite e sento-me na mesa destinada à professora. De repente, os olhares, todos se voltam para mim e surge a mesma pergunta que ouço todo semestre: Você é a professora? Eu respondo que sim. E mais uma vez, surge outra pergunta: tão nova? E aí eu torno a responder que sim. E os olhares não cessam, até que um estudante ou outro chega de forma sutil e me pergunta com todo respeito como eles sempre fazem se eu, de fato, domino o

conteúdo que será abordado na disciplina. Eu simplesmente peço que ele aguarde o final do semestre para ver se eu darei conta do recado ou não.

É chegado o final do semestre, e o mesmo aluno que mediu o limite do meu conhecimento, chega para mim e diz: professora, gostaria de lhe pedir desculpas, pois no início do semestre achei que a senhora não saberia tão quanto mostrou que sabe. E finaliza a sua fala: “a neguinha bota pra lá”. Eu simplesmente olho para ele e dou um sorrisinho no canto de boca.

Enfim, a pessoa preta é medida sempre, nos locais onde chego para lecionar, volta e meia acontecem coisas deste tipo.

Temos que matar um leão a cada dia. A professora preta para está em sala de aula na academia, tem que ser velha e de bengala, pois a professora preta nova, nada tem a ensinar” (DILCINÉA, 2020).

“Na minha disciplina de física, após passar o conteúdo, costumava convidar algum aluno para resolver as questões no quadro. Certo dia após, durante uma aula, um aluno negro, da zona rural, se ofereceu para expor como ele resolveu a sua questão. Ele tinha feito um erro bem notável, bem visível e um dos colegas da turma dele, falou para todos na sala: “física não é coisa do negão”. Nesse momento achei que deveria comentar algo, fazer alguma intervenção, mas a única coisa que consegui falar foi “deixe disso”. Não aproveitei o momento para fazer uma discussão apropriada. Então foi essa situação que me marcou, que me deixou bastante pensativo na época porque, na verdade, não sabia o que fazer. Hoje eu sei que aquele despreparo foi uma ausência na minha formação. E hoje já me sinto bem mais preparado para intervir numa situação como essa, e conseguir perceber como o racismo se manifesta”. (ALAN, jul, 2020).

Miranda (2014) mostra que, na educação infantil, as crianças, desde muito pequenas, já trazem questões sobre as sexualidades, e os professores não sabem como fazer porque, muitas vezes pensamos que as crianças pequenas não têm questões de sexualidade e gênero; então, a pesquisa de Miranda vai mostrar que têm sim. As crianças elaboram e expressam seus sentimentos em relação a estas dimensões.

Santos (2008) é outra autora que trata das questões étnico-raciais na educação infantil, enquanto o trabalho de Lima (2015) é outra grande referência de autoras/es que trabalham com a questão étnico-racial e de gênero na educação. Enfim, os professores não trabalham com estes temas porque não querem, e sim porque não sabem, não lhes foi ensinado.

LINGUAGENS NA SALA DE AULA: FORMANDO EDUCADORES; AS NUMA DIMENSÃO PÓS-CRÍTICA

Esta experiência formativa na pós-graduação nasce a partir do encontro entre duas mulheres do CEAFFRO, uma da área das Ciências Sociais e, outra, da área da Linguística Aplicada Indisciplinar, que se propõem tentar contribuir com a problemática atinente às letras aliando questões teórico-metodológicas que têm a ver com o campo das linguagens e o das ciências sociais, para estudo das identidades e das culturas no que tange a raça-gênero.

Então, no componente, discutimos bastante sobre identidade, cultura, raça, gênero, sexualidades, solicitando aos estudantes que acionem os seus conhecimentos sobre linguagens e estabelecendo uma relação entre os conhecimentos que já trazem das suas formações iniciais e o conhecimento que estamos construindo, juntos/as, na sala de aula.

“Cultura, como sabemos, é tudo que as pessoas lançam mão para construir sua existência, tanto em termos materiais como espirituais, envolvendo aspectos físicos e simbólicos. A cultura é um patrimônio importante de um povo, porque resulta dos conhecimentos compartilhados entre as pessoas de um lugar, e vai passando e sendo recriada, de geração em geração. É a cultura que nos diz em que acreditar, influencia os nossos modos de ser e estar no mundo, de agir, sentir e nos relacionar com o natural e o social” (BRASIL, 2011).

Contemporaneamente é muito importante pensar a relação entre cultura e identidade devido às trocas culturais, e à dominação imposta a

povos a partir de processos de colonização. As identidades são tecidas na cultura, nos modos de vida, nas ideias, nas relações tendo a linguagem como um fio condutor das nossas reflexões e ações. Assim, tomamos o conceito de identidade inspiradas nas abordagens decoloniais, nos estudos culturais, estudos que articulam linguagem, representação, cultura, política, raça, etnicidade e gênero. Conforme Hall (2003), uma pessoa não possui uma única identidade fixa, imutável, mas, sim múltiplas, complexas, que convivem no contexto de diversidade étnico-racial, de gênero e sexualidades. Pensamos as identidades étnico-raciais associando a gênero, sexualidade, classe, geração etc., interseccionando esses marcadores sociais e outros aspectos que coexistem na pessoa.

Para se entender como o racismo se manifesta na escola é preciso compreender como se constituem as identidades étnico-raciais no Brasil. A diversidade étnico-racial está inscrita na história do Brasil, graças à colonização, entretanto, a nossa formação escolar ensina pouco sobre diversidade cultural, a convivência entre populações indígenas, negras e brancos foi marcada por assimetrias, hierarquizações, etnocentrismos. Populações negras, indígenas tiveram suas histórias e culturas apagadas, inferiorizadas, consideradas subalternas, sem história e sem cultura. A escola, enquanto um espaço de disseminação de culturas apresenta, transmite, determina, difunde a cultura considerada hegemônica. São ideias, valores que são veiculados, introjetados nas pessoas, por meios de discursos (LIMA, 2015, p. 18-22).

Na primeira parte do curso trabalhamos com o aporte da Desobediência Epistêmica, a partir de Walter Mignolo (2008), discutindo a questão da colonialidade, da decolonialidade e relacionando esses aspectos com as identidades. Num segundo momento realizamos uma abordagem sobre as teorias raciais do século XIX, com base na leitura e discussão do texto “Uma história das diferenças e das desigualdades: as doutrinas raciais do século XIX”, de Lília Schwarcz (1993) e seguimos discutindo abordagens sobre o racismo no Brasil, trabalhando a questão da branquitude, da mestiçagem, fundamentadas no texto de Elisa Larkin

Nascimento (2003) “Sortilégio da cor: identidade de raça e gênero no Brasil”.

As discussões sobre gênero e sexualidades são apoiadas a partir das perspectivas pós-estruturalistas na educação com base em Guacira Lopes Louro (1997). Ainda no campo da educação, trabalhamos com as discussões relacionadas à educação indígena a partir dos textos de Luciano Gersem Baniwa (2006) o índio brasileiro e, finalmente, com o material didático produzido pelo BRASIL/UNICEF/CEAFRO (2011), intitulado “Guia da cultura e da identidade, no qual discutimos a relação entre educação, raça, gênero, sexualidade e escola; também nessa parte nos lastreamos no texto de Maria Nazaré Mota de Lima (2015), “Relações étnico-raciais na escola: o papel das linguagens”. Essas leituras e debates culminam num intertexto, que é um produto para o trabalho final do componente, onde os estudantes apresentam uma discussão relacionando as dimensões das identidades, das linguagens e da educação.

No intertexto os estudantes devolvem para nós, professoras, e para todo o grupo o conhecimento que adquiriu sobre conteúdos que não estão na sua formação básica, escolar, acadêmica. O racismo institucional, epistêmico impediu que acessasse conteúdos da nossa história e cultura, por exemplo, daí a importância de tomar consciência sobre essas lacunas em sua formação e aprender a criticar o conhecimento que se tem e, ainda, a buscar outras fontes, mais diversas, que proporcionem a quebra de paradigmas eurocêtricos, excludentes, alienantes...

Na aula de línguas, conforme Moita Lopes (2002), eclodem questões identitárias; no entanto, os estudantes advindos da área de letras aprendem bastante sobre língua, sujeito, predicado etc., mas muito pouco acerca de identidades ou cultura, de modo que não conseguem lidar com essas questões na sala de aula. Então, procuramos abordar esses conhecimentos, utilizando vídeos, poesias, textos teóricos, de forma lúdica criativa aberta, participativa, dialogada.

Com isto os estudantes começam a refletir não somente sobre sua formação, mas sobre o seu campo de atuação como professor ou como outro profissional de educação, de qualquer área, matemática, química linguagem etc. No trabalho final, é preciso fazer essa conexão entre conhecimentos advindos do campo das ciências sociais e conhecimentos advindos do seu campo de formação específica, tendo as linguagens como horizonte, ponto de partida e de chegada.

Temos percebido que as discussões ensejadas no componente são ricas e não cabem apenas na sala de aula; assim, as transcendemos em seminários, dissertações e teses, dentro e fora do Pós-Crítica.

Então este é o trabalho de Formação que temos desenvolvido com professores e professoras, para pensar sujeitos mulheres, negros e indígenas, LGBTQIAP+, focalizando dimensões identitárias que se apresentam em sua vida pessoal e profissional.

A linguagem perpassa os preconceitos e as discriminações, além de ser um campo bastante importante para pensar a desconstrução, ao trazer narrativas que são favoráveis à Igualdade entre as pessoas, o direito de elas exercerem e nós exercermos seus/nossos modos de ser e estar no mundo, tais como as identidades negras, femininas, quilombolas, indígenas, LGBTQIA+ e não só o padrão macho branco eurocentrado, rico, exercitando direitos, pois todas as pessoas têm um lugar no mundo e esses lugares são perpassados pela linguagem.

Quanto à educação, outro eixo abordado, sempre foi um campo escolhido pelos movimentos negros de enfrentamento às desigualdades na sociedade, assim a escola tem um papel fundamental, importante na desconstrução dos preconceitos, das discriminações de raça, gênero e sexualidades e de promover relações igualitárias entre as pessoas, dentro dos conteúdos de história, geografia, artes, linguagens, física, matemática

No caso do CEAFFRO, elaborou as diretrizes curriculares para inclusão da história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar da rede Municipal de Ensino de Salvador, documento que tem um papel

importante para a abordagem das desigualdades na sociedade, e a partir da escola conforme DCNERER (BRASIL, 2005).

ALGUNS RESULTADOS EVIDENCIADOS NO TRABALHO

A experiência desenvolvida no componente tem nos mostrado que ao discutirmos sobre identidade, cultura, raça, gênero sexualidades, solicitando aos estudantes que acionem os seus conhecimentos sobre linguagens e estabelecendo uma relação entre os conhecimentos que eles já trazem das suas formações iniciais e o que estamos construindo juntos no componente, eles refletem não somente sobre sua formação, mas sobre o seu campo de atuação como professor ou como outro profissional de educação. Os professores e professoras relatam a partir de suas vivências familiares em grupos sociais e da escola, então a tentativa tem sido de continuidade na produção de um exercício inter/transdisciplinar do conhecimento, exercitando etnométodos, acionados por grupos subalternizados em seus movimentos de superação e produção.

O componente é procurado por muitos alunos especiais, e este público procura entrar no programa como aluno regular, e percebemos que os aprendizados gerados no componente colaboram de modo que muitos deles entraram, cursam o mestrado e alguns já estão no doutorado. No decorrer do curso e na avaliação final, explicitam como cursar o componente representa um divisor de águas nas suas trajetórias profissionais.

Nesses momentos, afirmam que nunca pensaram, se questionaram, refletiram sobre as questões identitárias que são discutidas no curso, seja na família, na escola, enquanto aluno ou profissional. A dimensão pessoal nós procuramos trabalhar para que eles, se vendo nas suas relações sociais, possam se deslocar e compreender também os estudantes com os quais trabalham, seja no ensino básico, seja no ensino superior.

REFERÊNCIAS

ALVES, Paulo César. As "novas sociologias" e a construção do conhecimento científico. In: ALVES, Paulo César; NASCIMENTO, Leonardo F. *NOVAS Fronteiras Metodológicas nas Ciências Sociais*. Salvador: Edufba, 2018. p. 17-42.

BANIWA, G. L. *O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje*. SECAD/MEC, Brasília, 2006 (Coleção Educação para Todos).

BRASIL. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Brasília: MEC-SECAD/SEPPIR/INEP, 2005. Disponível em <http://www.uel.br/projetos/leafro/pages/arquivos/DCN-%20-%20Educacao%20das%20Relacoes%20Etnico-Raciais.pdf>.

BRASIL. Fundo Das Nações Unidas Para A Infância. Selo Unicef Município Aprovado. *Cultura e Identidade: Comunicação para a Igualdade Étnico-racial: Guia de Orientação para os Municípios do Semiárido*. 2009-2012 Brasília: Unicef, 2011. 48 p. Disponível em: http://www.unicef.org/brazil/pt/br_cultura_guia_sab.pdf. Acesso em: 10 set. 2013.

HALL, Stuart. *A questão da Identidade Cultural*. 18. ed. Campinas/SP: IFCH/Unicamp, 2003. Revisão técnica de: Antonio Augusto Arantes e Tradução de Andrea B. M. Jacinto & Simone M. Frangella.

LIMA, Maria Nazaré Mota de. *Relações étnico-raciais na escola: O papel das linguagens*. Salvador: EDUNEB, 2015.

LOURO, Guaracira Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MIGNOLO, Walter D. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. Trad. Ângela Lopes Norte. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008.

MIRANDA, Amanaiara Conceição de Santana. *Gênero/Sexo/Sexualidade: representações e práticas elaboradas por professoras/es da educação infantil na rede municipal de ensino em Salvador*. 2014, 166f. Dissertação - Salvador, 2014. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado das Letras, 2002. (Coleção Linguagem, Educação e Sociedade).

NASCIMENTO, Elisa Larkin. O Brasil e a confecção do "branco virtual". In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. *O sortilégio da cor: Identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003. Cap. 3. p. 113-156.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Teatro Experimental do Negro: tramas, textos, atores. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. *O sortilégio da cor: Identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003. p. 281-380.

SANTOS, Marta Alencar. *Educação da Primeira Infância Negra em Salvador: um olhar sobre as políticas educacionais*. 166 f. il 2008. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Uma história de "diferenças e desigualdades": as doutrinas raciais do século XIX. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. 4. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1993.